

# Obrigada a Manoel de Oliveira

*M a r i a   d e   M e d e i r o s*

**POR SER O GRANDE MESTRE DA LIBERDADE NO** cinema, essa máquina de fabricar ou reconstituir sonhos onde tudo é permitido, até parar o tempo, por esse olhar pleno de sabedoria e sempre inocente, sempre principiante, grave e divertido, vivido e curioso, irónico e benevolente, por continuar a ser um descobridor destemido, agradeço ao Manoel, como uma neta e uma discípula. E também pelo que diz. Pouca gente conhece o Manoel pelas suas ideias, e no entanto elas são fascinantes. Eis pois alguns fragmentos que aponte e que guardo há alguns anos.

*«O teatro é uma arte social. Um grande número de pessoas reúne-se para assistir a um espectáculo. A televisão é um lugar de solidão. É para aquelas velhinhas que não têm ninguém. Eles põem os risos, eles põem as palmas. Eu sou do tempo em que as crianças conviviam com os avós, havia um entendimento perfeito entre eles, uma relação natural de continuidade. Hoje em dia, as crianças estão separadas dos adultos, os velhos estão nos asilos».*

Encontramo-nos no «foyer des comédiens» da Comédie Française, rodeados por quadros de artistas ilustres dos séculos XVII e XVIII, atrizes roliças, de pele alva e faces rosadas, rivais antigas, e sobretudo o célebre retrato de Molière na «Morte de Pompeu». Pierre Léglise-Costa e eu fomos contactados para entrevistar o Manoel para a revista da Comédie Française, mas Oliveira preparou-se perfeitamente, e as nossas poucas perguntas no fundo desviam-no do que ele quer dizer. Manoel de Oliveira tem 87 anos. Está muito bonito, fala um Francês ao mesmo tempo simples e rebuscado. É uma vez mais surpreendente.

Diz que os «mistérios» da Idade Média eram mais «cinematográficos» que o teatro clássico porque não tinham unidade de acção, nem de tempo, nem sequer de personagens – qualquer ser ou figura do cosmos podia ser uma personagem.

Diz que gosta da disposição «à italiana» no teatro, que gosta de sentir a separação nítida entre os espectadores e os actores, em que uns e outros têm consciência da sua condição de actores e de espectadores, em que está claramente delimitado e aceite por todos o espaço da «representação». Critica os filmes americanos que se fazem passar pela realidade, a maior de todas as ilusões, a ilusão mentirosa.

E finalmente explica que não se dirige ao «público» como a uma massa neutra, mas sim

aos espectadores, enquanto personalidades e sensibilidades diversas, que não se limitam a fazer um julgamento de valor, e sim terão uma multiplicidade de reacções de toda a ordem à obra.

Pareceu-me ser esta uma extraordinária afirmação de respeito pelo público. E de facto, o desejo de se inscrever como um diálogo com o espectador, de não entrar numa rede de mensagens simplificadas e moralistas em que realizadores e público acabam por participar numa

«A Caixa» / «La Casette» (1994). Coleção Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.





«A Caixa» / «La Cassette» (1994). Coleção Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.



mesma alienação, é o valor mais próprio e mais frágil do cinema europeu.

Quem sabe o que quer o público, se cada um de nós anda à procura? Apenas podemos olhar maravilhados para o itinerário daquele que no brinquedo supremo que é o cinema, nesse laboratório onde se revelam emoções, vai procurando e vai encontrando, com o espanto de uma criança e a intuição certa do criador.